

Nomes, Trocadilhos e Seres Feéricos: Dos Desafios da Tradução dos Três Primeiros Volumes da Série *Mundo de Oz*, de L. Frank Baum

Ana Carolina Lazzari Chiovatto

Resumo

O presente artigo tem por objetivo expor e comentar algumas questões e possíveis soluções para os desafios encontrados durante a tradução dos três primeiros volumes da série *Mundo de Oz* – *O Maravilhoso Mágico de Oz*, *A Maravilhosa Terra de Oz* e *Ozma de Oz* –, de L. Frank Baum, publicados em 2014 pela Editora Vermelho Marinho.

Palavras-Chave: Tradução de Língua Inglesa; Literatura Infantil; L. Frank Baum; *O Maravilhoso Mágico de Oz*, *Mundo de Oz*;

Abstract: This paper aims to expose certain translation issues and possible solutions concerning the translation challenges in the first three volumes of *Mundo de Oz* series – *The Wonderful Wizard of Oz*, *The Marvelous Land of Oz* and *Ozma of Oz* –, by L. Frank Baum, released in 2014 by Vermelho Marinho Brazilian press.

Keywords: Translation from English Language; Children's Literature; L. Frank Baum; *Wizard of Oz*, *Mundo de Oz*

No presente artigo, pretende-se tratar das particularidades acerca da tradução de três obras de literatura infantil escritas por L. Frank Baum (1956-1919): *O Maravilhoso Mágico de Oz*, *A Maravilhosa Terra de Oz* e *Ozma de Oz*, primeiras obras da série de catorze livros passados no mundo de Oz, nunca traduzida inteiramente no Brasil. A primeira possui uma grande quantidade de traduções brasileiras, tanto antigas quanto bastante recentes, e recebe novas publicações constantemente, em virtude de adaptações teatrais e cinematográficas, também constantes. Os dois livros seguintes, no entanto, são ainda muito pouco conhecidos no Brasil. As traduções em análise fazem parte da proposta da editora Vermelho Marinho de publicar pela primeira vez todas as sequências do grande clássico infantil.

A ideia de trazer os comentários que se seguem em um artigo acadêmico surgiu das notas de tradução escritas especialmente para estas edições, pois a obra, além das dificuldades clássicas que perpassam a questão da intraduzibilidade, da cultura e do foco na língua de partida ou na de chegada, traz ainda a questão de se tratar de literatura infantil.

Toda tradução, por definição, representa um grande desafio, como tantos teóricos já demonstraram. A questão da traduzibilidade é constantemente trazida à tona sob os mais diversos aspectos, como Paulo Henriques Britto aponta:

A questão é que as diferenças entre as línguas já começam na própria estrutura do idioma, tanto na gramática quanto no léxico; isto é, na maneira de combinar palavras e no nível do repertório de “coisas” reconhecidas como tais em cada língua. Pois um idioma faz parte de um todo maior, que é o [sic] denominado de cultura; e as “coisas” reconhecidas por uma cultura não são as mesmas que as outras reconhecem (2012, p. 14).

A tradução de obras infantis, especialmente das mais antigas, apresenta ao tradutor um desafio particular, além dos já indicados por Britto: o público-alvo. Afinal, as crianças, enquanto leitoras, possuem características próprias que escapam mesmo aos estudiosos da literatura infantil. Peter Hunt comenta a respeito:

As crianças são leitores *em desenvolvimento*; sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos, um conjunto que pode estar em oposição à oralidade, ou talvez baseado nela. Então, as crianças realmente “possuem” os textos, no sentido de que os significados que produzem são seus e privados, talvez até mais do que os adultos. [...] É óbvio que há limites para compartilhar o significado. Em termos escritos, o que o autor quis dizer é incognoscível, mesmo para ele. Mas temos de supor uma certa congruência entre o que você vê, o que eu vejo e o que uma criança-leitora vê; caso contrário toda a atividade de produzir livros (e, em particular, de falar sobre eles) se torna absurda. Deve haver um meio-termo de senso comum quanto ao significado (2010, p. 135 e p. 137).

O autor segue comentando a respeito da indefinição e das formas como se pode buscar entender o que uma criança compreende ao ler um texto, mais levantando questões do que as esclarecendo. Sem pretender esboçar alguma conclusão sobre este assunto, parece interessante apontar a referida problemática da indefinição acima explicitada como mais um obstáculo para o tradutor, que terá de levá-la em consideração ao fazer escolhas no momento de traduzir.

Nomes

Um dos primeiros desafios à tradução na literatura infantil é deparar-se com a questão dos nomes próprios, mais delicada aqui também por causa do público-alvo. É comum se traduzir nomes em obras infantis, posto que podem causar um estranhamento à criança-leitora da língua de chegada que não havia na língua de partida. Como nos orientamos pelo princípio descrito por Henri Meschonnic, de traduzir o marcado por marcado e o não-marcado por não-marcado (conf. MESCHONNIC, 2010), isto é, manter simples o que era simples no original e recriar complexidade onde ela já se encontrava, à primeira vista parece imperativo traduzi-los todos.

No nome de *Woggle Bug*, personagem que aparece pela primeira vez em *Maravilhosa Terra de Oz*, foi justamente esse o caso. *Bug* é um termo que precisa de tradução, uma vez que remete a algo no imaginário dos nativos de língua inglesa, por designar criaturas que existem tanto na cultura de partida quanto na de chegada. *Woggle*, por outro lado, é uma palavra estranha mesmo ao leitor de língua inglesa. *Bug* foi traduzido como “besouro”, pois, mesmo não sendo esta a acepção exata, *bug* é um termo genérico que pode englobar “besouro”, um animal que parece aquele descrito ao introduzir-se a personagem. Um *bug* pode ser um verme, uma bactéria, um inseto, um vírus etc, e seu uso se assemelharia, em dada medida, ao da palavra “bichinho” em português. Já *woggle* apresentou um desafio um pouco mais complicado, pois sua única acepção dicionarizada seria um tipo de nó, cuja primeira aparição na língua, segundo o dicionário Oxford online, foi em meados de 1930, portanto, depois que as obras já haviam sido escritas. Por isso, buscaram-se entrevistas e comentários de L. Frank Baum, na tentativa de compreender a lógica da composição do nome.

É comum contar-se a anedota de que Baum optou por *Woggle Bug* pensando na sonoridade e que ele gostou do fato de não haver significado para esse nome, gostou do som e decidiu usá-lo como nome de uma personagem. Tal informação é um norte, criando a possibilidade de ponderar sobre a tradução do nome pelo aspecto sonoro e ausência de significado também na língua de chegada. Partiu-se, pois, da aliteração e da repetição de sons arredondados. Como a aliteração da letra “g” não seria mais possível, já que “besouro” não possui fonema similar, optou-se por deslocar a aliteração para /z/, aproveitando que em “besouro” também há um ditongo em vogais fechadas, de modo a manter próximo à sonoridade original o máximo possível. Com isso, chegou-se a “Zógol”. O nome da personagem *Woggle Bug*, em português, ficou *Zógol Besouro*.

Outros casos foram mais simples. *Dorothy Gale*, a protagonista da trama, é uma garota americana. Seu sobrenome configura uma brincadeira, pois *gale* quer dizer “ventania”, “tempestade”, “temporal”. Contudo, o termo é tanto um prenome quanto um sobrenome comum em países anglófonos, de uma maneira que “ventania” e sinônimos não são nos lusófonos. “Gale” constitui um termo não-marcado na língua de partida, enquanto “ventania” seria marcado na língua de chegada. Além disso, a tradução do nome descaracterizaria a personagem em sua origem, motivo pelo qual se decidiu manter o nome original e explicar a brincadeira em uma nota de rodapé (conf. BAUM, 2014c, p. 16). O mesmo se dá com Dorothy, que, embora seja um nome em inglês, não causa estranhamento ao leitor brasileiro, já acostumado, pelas traduções atuais de livros, legendagens e dublagens, a ler ou ouvir os nomes originais, pelo menos os mais emblemáticos deles. Por exemplo, nos livros da saga *Harry Potter*, há tradução de diversos nomes, mas não do protagonista que dá título à obra e seu melhor amigo Ronald Weasley. Em *Percy Jackson*, ocorre o mesmo. As traduções de obras infantis mais contemporâneas, como *Percy Jackson*, têm optado por não traduzir nomes próprios típicos do país em que se passa a narrativa, ao contrário do que se fazia comumente no Brasil, como em as *Crônicas de Nárnia*, na qual os quatro protagonistas,

Lucy, Peter, Edmund e Susan, se tornaram Lúcia, Pedro, Edmundo e Susana. Levando-se em conta, pois, essa nova tendência de não traduzir nomes próprios nativos, a tradução ficaria restrita a nomes inventados, nos quais ela se justifica por causa de trocadilhos ou significados cifrados que teriam algum valor para a narrativa, ou por questões estéticas, como em *Woogle Bug*.

Caso semelhante aconteceu com *Nick Chopper*, o nome do Homem de Lata. Apesar de *Chopper* não ser um sobrenome tradicional ou comum nas culturas de origem anglófona, é habitual encontrar nomes que advêm de profissões, e o recurso de criar sobrenomes assim para personagens é bastante utilizado nas literaturas de língua inglesa. Desse modo, *Chopper* configura uma brincadeira com a profissão de lenhador do Homem de Lata e, mesmo não sendo um sobrenome de fato, é plausível enquanto tal, dentro da lógica da língua. O mesmo não ocorre em português, motivo por que, como no caso de Dorothy Gale, decidiu-se pela não tradução do nome e acréscimo de nota de rodapé (conf. BAUM, 2014a, p. 222). A não-tradução de *Nick* ocorreu pelas mesmas razões acima apontadas para não adaptar *Dorothy*.

O critério para traduzir *Tin Woodman* por “Homem de Lata”, desde o primeiro livro, *O Maravilhoso Mágico de Oz*, quando o literal seria “Lenhador de Estanho” (nome que foi mantido no título do capítulo em que essa personagem é introduzida no primeiro livro) foi a anterioridade e tradição da tradução, questão que não se colocava, por exemplo, em *Woogle Bug*, personagem que só aparece no segundo livro da série e, que, portanto, não faz ainda parte do imaginário do público leitor. O Homem de Lata, por outro lado, trata-se de uma personagem amplamente conhecida do público há décadas, seja pelas inúmeras traduções do primeiro livro, ou pelas adaptações do mesmo em diversas mídias, como filmes, animações, HQs, etc., e ao tradutor parece desnecessário correr o risco de confundir o leitor quanto à identidade da personagem apenas por precisão terminológica, quando, ao longo do texto, é possível obter esse efeito de outras formas, como por exemplo, pelo nome do capítulo *The Rescue of the Tin Woodman*, que ficou “O Resgate do Lenhador de Estanho”, como já mencionado.

É importante observar que, tanto no caso dos nomes quanto no dos trocadilhos, que serão comentados no item a seguir, a opção por explicar as brincadeiras linguísticas em notas de rodapé foi um último recurso, uma vez que tais notas desmontam qualquer ilusão acerca da obra ter sido escrita na língua de chegada. No entanto, considerou-se que existem obras para crianças, tanto escritas em português quanto em inglês, que trazem notas de rodapé já no original, por qualquer motivo que seja, e entende-se que isso não atrapalha a leitura, posto que alguns leitores preferem simplesmente ignorá-las, enquanto outros se interessam pelas curiosidades que possam estar nelas contidas. Diante dos casos em que havia impossibilidade de traduzir o trocadilho, ou de traduzir um nome que continha uma brincadeira, julgou-se aceitável trazer explicações em notas de rodapé para esses fins, apenas em casos muito específicos, ainda que isso ferisse a pretensa invisibilidade do tradutor.

Trocadilhos

Outro grande desafio foi proporcionado pelo livro *A Maravilhosa Terra de Oz*, que trouxe alguns trocadilhos interessantes e complexos de se traduzir. Pela particularidade do trocadilho de se identificar com a língua de partida, boa parte dessas ocorrências é intraduzível por definição. Houve ocasiões, nessa obra, em que a tradução era possível sem subterfúgios, por se tratar de um termo que possuía a mesma ambiguidade nas duas línguas.

Por exemplo, houve uma ocasião em que o trocadilho deu-se no verbo *break*, que apareceu com dois sentidos, tanto como o antônimo de “consertar” quanto como

sinônimo de “falir”: *It wouldn't matter," remarked the educated Woggle-Bug; "he can't get broke so long as he is stuffed with money* (BAUM, 1979, p. 235). Utilizou-se “quebrar” na tradução, pois tal termo possui ambas as acepções: “– Não importaria – observou o Zógol Besouro instruído. – Ele não pode quebrar, já que é recheado de dinheiro” (BAUM, 2014a, p. 191).

Ocorreu também um acréscimo de trocadilho involuntário, no seguinte trecho: *"Good Gracious!" the Scarecrow exclaimed at hearing this. "If his wit bears the same polish, how sparkling it must be! But show us in—I'm sure the Emperor will receive us, even in his present state* (BAUM, 1979, p. 114). A personagem do Espantalho reage assim ao saber que seu amigo, o Homem de Lata, foi banhado a níquel e está recebendo polimento na ocasião de sua chegada. A tradução do termo *sparkling* para “brilhante” criou uma ambiguidade que o resto da frase já havia indicado: “brilhante” aparecerá aqui no sentido de “reluzente”, como já previsto, e de “inteligente”: “– Céus! – o Espantalho exclamou ao ouvir aquilo. – Se sua perspicácia trouxer o mesmo polimento, quão brilhante será! Leve-nos logo para dentro. Tenho certeza de que o Imperador irá nos receber, mesmo em seu atual estado” (BAUM, 2014a, p. 96).

A tradução de outros trocadilhos necessita de maior análise. Um dos mais emblemáticos é reproduzido a seguir: *"Not unless you carelessly drop your head over the side," answered the Woggle-Bug. "In that event your head would no longer be a pumpkin, for it would become a squash"* (BAUM, 1979, pp. 194-5). A língua portuguesa não possui semelhante trocadilho, em que *squash* pode significar tanto *abóbora*, ou seja, um sinônimo de *pumpkin*, quanto “triturar”, “amassar”, “esmagar”, de forma que a tradução necessariamente prejudicaria um dos sentidos contidos na oração. Como o mais necessário à compreensão do texto era a ideia de esmagamento, a versão em português ficou: “– Não, a menos que você derrube sua cabeça acidentalmente – respondeu o Zógol Besouro. – Nesse caso, sua cabeça não seria mais uma abóbora, pois se transformaria em purê” (BAUM, 2014a, p. 158).

Em outros casos, foi necessário criar um novo trocadilho para dar continuidade ao texto e acrescentar uma nota de rodapé explicando o trocadilho original. Observe-se o trecho: *For instance, were I to ride upon this Saw-Horse, he would not only be an animal — he would become an equipage. For he would then be a horse-and-buggy.* (BAUM, 1979, p. 150). A personagem que fala no discurso direto aqui é o Zógol Besouro, em inglês, *Woggle Bug*. A nota de tradução no rodapé explica:

A piada original é intraduzível, por isso optamos por fazer uma que condissesse com a nossa língua, brincando com a acepção de “cavalete” como sinônimo de “cavalinho”. Já no trocadilho original, o nome do Zógol Besouro é “Woggle Bug”, personagem que diz que, se montasse no Cavalete, o animal viraria uma carruagem, pois seria um tílburi – “horse-and-buggy” (que, se fosse traduzido ao pé da letra seria “cavalo e besouro/inseto”)” (CHIOVATTO, in BAUM, 2014a, p. 123).

Logo, o trecho foi traduzido da seguinte maneira: “Por exemplo, se o Cavalete pudesse crescer, ele seria um cavalo maior” (BAUM, 2014a, p. 123). Tal intervenção foi necessária, pois um imenso diálogo se dá em seguida, por causa da ofensa da personagem contra o Cavalete, e uma tradução mais literal, ainda que acompanhada da nota de tradução, quebraria a fluidez do texto. Entende-se que há leitores que preferem não recorrer a notas de rodapé durante a leitura do texto literário, motivo pelo qual é necessário dar sentido a ele em si mesmo sempre que possível.

Em *Ozma de Oz*, temos dois trocadilhos intraduzíveis, e sem possibilidade de criação de outro trocadilho para manter a fluidez do texto sem afetar a compreensão do leitor. Em ambos os casos, optou-se por uma tradução literal e nota de rodapé. Vejamos a primeira dessas ocorrências:

To their disappointment they found the door tightly closed. A sign was tacked to the panel which read as follows: OWNER ABSENT. Please knock at the door in the left wing.

“Now,” said Tiktok to the captive Wheeler, “you must show us the way to the Left Wing.”

“Very well,” agreed the prisoner, “it is around here at the right.”

“How can the left wing be at the right?” demanded Dorothy, who feared the Wheeler was fooling them.

“Because there used to be three wings, and two were torn down, so the one on the right is the only one left. It is a trick of the Princess Langwidere to prevent visitors from annoying her” (BAUM, 1975, p. 60).

A ambiguidade do termo *left* já é explicada no próprio texto, por isso a nota de rodapé trouxe apenas o motivo de ser intraduzível: “A explicação do rodeiro traz um trocadilho intraduzível no original, pois a palavra para ‘esquerda’ (left) – é a mesma para definir ‘aquilo que sobrou’” (CHIOVATTO, *in* BAUM, 2014c, p. 66). A tradução chamou o local de “Ala Esquerda”. O texto traduzido é compreensível, apenas não traz a brincadeira contida no original:

Para seu desapontamento, encontraram a porta bem fechada. Um letreiro estava pregado no painel, dizendo o seguinte: PROPRIETÁRIO AUSENTE. Por favor, bata na terceira porta na Ala Esquerda.

– Ago-ra você de-ve nos mos-trar o cami-nho para a Ala Es-querda – disse Tik-Tok ao rodeiro cativo.

– Muito bem – concordou o prisioneiro. – É por aqui, à direita.

– Como pode ser a Ala Esquerda se fica à direita? – questionou Dorothy, temendo que o rodeiro os estivesse enganando.

– Porque costumava haver três alas, e duas foram destruídas, de modo que a da direita é a *única que sobrou*. É um truque da Princesa Langwidere para evitar ser importunada por visitantes. (BAUM, 2014c, pp. 65-6, grifos nossos).

Outro trocadilho deu-se com o uso do vocábulo *grasshopper*, e sua composição por aglutinação no trecho a seguir ‘*I might have known better, she muttered to herself, for where there is no grass there can be no live grasshoppers. This is probably one of the King's transformations*’ (BAUM, 1975, pp. 166-7). A nota de rodapé explica a razão da intraduzibilidade do trocadilho: “Em inglês, ‘gafanhoto’ é ‘grasshopper’. Se separarmos a palavra, teremos ‘grass’ (grama) e ‘hopper’ (saltador). Aqui temos um trocadilho intraduzível, pois a galinha diz que não pode haver ‘saltadores de grama’, ou seja, um gafanhoto, onde não há grama” (BAUM, 2014c, p. 160). A tradução perde a duplicidade, e o texto traduzido perde parte do sentido original: “– Eu devia saber – ela murmurou –, porque onde não tem grama, não pode ter gafanhotos. Isso é provavelmente um dos feitiços do Rei” (BAUM, 2014c, p. 160).

Mesmo quando não há equivalente de termos na língua de partida e na língua de chegada, que permitam a composição de trocadilhos iguais, em algumas ocasiões há

soluções bem próximas do original, em outras o tradutor precisa resolver o problema da melhor forma possível, sacrificando parte do sentido.

Seres Feéricos

Por fim, o último grande desafio diz respeito à tradução dos nomes de espécies de seres feéricos. Livros com seres fantásticos de origem anglófona costumam representar um problema para o tradutor. Isto ocorre porque muitas das criaturas nomeadas na língua inglesa (de origem celta, normalmente, ou, às vezes, nórdica) não existem em nossa cultura, nem mesmo possuem equivalentes próximos, de modo que a língua portuguesa não possibilita termos para todos eles.

É comum manter seus nomes em diversos casos, como ocorre com *kobolds* ou *trolls*, *leprechauns* etc. *Leprechaun* tem uma tradução clássica, que é “duende irlandês”, mas ela pode criar problemas quando se trata de um universo completamente fictício onde, por exemplo, não exista a Irlanda. Às vezes, alguns tradutores optam por buscar criaturas com algumas características comuns e usar seus nomes como tradução, sacrificando ao leitor da língua de chegada algumas características importantes e únicas de determinados seres. Para teorias da tradução totalmente focadas na língua-alvo, tal sacrifício não é problemático, mas, para um tradutor que pretenda ser lido como o original, é necessário buscar alternativas nessas ocasiões.

No caso, a tradução das obras foi pautada pelo que Britto (2012) aponta como a tentativa de ser lido como o original, isto é, quando se pretende que um leitor brasileiro diga que leu a obra de Baum, não uma tradução da obra de Baum, que é como o mercado editorial brasileiro prefere que as traduções sejam realizadas.

Assim, uma palavra cuja tradução sempre precisa ser bem ponderada é *fairy*, que designa seres feéricos em geral, sendo, portanto, um termo genérico. Em muitos casos, trata-se de uma fada – uma das traduções mais comuns, como no caso de *fairy godmother*, a “fada madrinha”. Entretanto, *fairy* também pode designar elfos, duendes, elementais e uma miríade de outras criaturas.

Por exemplo, em um romance inglês contemporâneo, *Jonathan Strange & Mr. Norrell*, de Susanna Clarke, a personagem *gentleman with the thistle-down hair* é descrita como sendo um *fairy* em todas as suas aparições durante a narrativa. Sendo do sexo masculino, a tradução (CLARKE, 2005) foi bem feliz, portanto, ao optar por usar “ser feérico”, pois “fada” remeteria as criaturas muito específicas no imaginário brasileiro, como a Sininho, de *Peter Pan*, a Fada Azul, de *Pinóquio*, ou a Dama do Lago, das lendas arturianas, o que não é o caso na obra original.

Em *Ozma de Oz*, Baum apresenta os nomos, seres feéricos elementais de pedra, descritos como *fairies* (conf. BAUM, 1975, p. 117). Tendo em vista que a tradução mais comum do termo, “fada”, causaria extremo estranhamento, o que não ocorre na língua de partida, optou-se por ora utilizar “seres feéricos”, ora “elfos”. Este último termo vem acompanhado por locução adjetiva (“elfos de pedra”) para designar *rock fairies*.

A escolha por “elfo” foi inspirada em traduções bastante difundidas de obras como *Midsummer Night's Dream*, de Shakespeare, em que Titânia, *queen of fairies*, é a rainha das fadas, e Oberon, *king of fairies*, é o rei dos elfos. Tradicionalizou-se traduzir “fairy” como “elfo” quando se refere ao masculino, embora haja outras criaturas designadas pelo mesmo termo, e foi a isso que se recorreu em *Ozma de Oz*.

Não se esperou abordar aqui todas as dificuldades e desafios de tradução dos livros, nem se aprofundar na questão específica da tradução de obras literárias infantis, mas expor algumas problemáticas com que o tradutor se deparou e apontar as soluções utilizadas nos casos exemplificados.

Justificaram-se escolhas de acordo com as especificidades do público-alvo, a necessidade de manter o máximo de fidelidade possível ao original – apesar de o conceito de “fidelidade” ser um problema em si, discutido vastamente nos estudos da tradução –, de modo que a tradução possa ser lida como a obra original e atender às exigências do mercado editorial brasileiro.

Referências Bibliográficas

BAUM, L. Frank. *A Maravilhosa Terra de Oz*. Trad. Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2014.

_____. *O Maravilhoso Mágico de Oz*. Trad. Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2014.

_____. *Ozma de Oz*. Trad. Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2014.

_____. *Ozma of Oz*. New York: Scholastic Book Services, 1975.

_____. *The Marvelous Land of Oz*. New York: Ballantine Books, 1979.

_____. *The Wonderful Wizard of Oz*. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, 1903.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CLARKE, Susanna. *Jonathan Strange e Mr. Norrell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

OXFORD DICTIONARY. Disponível em
<http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/woggle>. Acessado em
24/10/2014.